

Desgastado, Queiroz deixa o Iphan

Superintendente regional do órgão se cansou de pedir melhores condições de trabalho. Sucessor ainda não assumiu

RICARDO RAMOS

O desgaste político de cobrar da direção nacional melhores condições de trabalho para preservar Brasília levou o superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), arquiteto Cláudio Queiroz, a pedir demissão do cargo.

A saída de Cláudio foi publicada no *Diário Oficial da União* na última sexta-feira. Em seu lugar, o Iphan chamou o antropólogo Alfredo Gastal, que ocupava a gerên-

cia de Projeto de Gestão Urbana no Ministério do Meio Ambiente. Apesar de nomeado desde a sexta, o novo superintendente, até ontem à tarde, não havia assumido a função e nem aparecido no Iphan para conhecer os seus funcionários.

Desde o fim do ano passado, o arquiteto e professor da Universidade de Brasília (UnB) queixava-se, segundo pessoas que trabalhavam com ele, das dificuldades para cuidar da capital. São apenas cinco funcionários para

fiscalizar, propor ações judiciais e atos administrativos que respeitem o tombamento da cidade. Diversos ofícios com pedidos de contratação de contratação de pessoal, segundo dois funcionários da superintendência, foram encaminhados para a presidência do órgão desde o final do ano passado.

– Ele nem sequer foi recebido pelo atual presidente do Iphan [Antônio Augusto Arantes] – afirmou um auxiliar que despachava diretamente com Cláudio.

Na verdade, o ex-superintendente demonstrava interesse em voltar a dar aulas na UnB – uma de suas grandes paixões – desde novembro do 2003. Em fevereiro, durante a presidência de Maria Elisa Costa, ele tinha colocado o cargo à disposição – pleito negado. Porém, o grande revés do arquiteto surgiu há cerca de um mês, quando a atual direção nacional – comandada pelo antropólogo Antônio Augusto Arantes – decidiu mudar a sede da superintendência.

Os empregados do órgão já

começaram a encaixotar o material de trabalho das salas que ocupam no 1º andar de um edifício no Setor Bancário Norte para, na próxima semana, se instalarem noutra alugada pelo Ministério da Cultura. Na nova sede, eles conviverão com outros 80 funcionários da pasta – com apenas dois banheiros.

– Percebe-se uma queda na preocupação em preservar a capital – afirmou o procurador da República Alexandre Camanho que propôs, em 2002, a criação da regional.

Em viagem ao Rio de Janeiro, a reportagem do **JB** não localizou o arquiteto.

– É um grande baque. O Cláudio não foi mais um, mas o superintendente do Iphan que lutou pela cidade – completou a procuradora federal Nádia Porto, que propôs, com o arquiteto, diversas ações judiciais, como contra a Academia de Tênis e a construção disfarçada de um sétimo pavimento nos prédios do Plano Piloto.

ricardo.ramos@jb.com.br